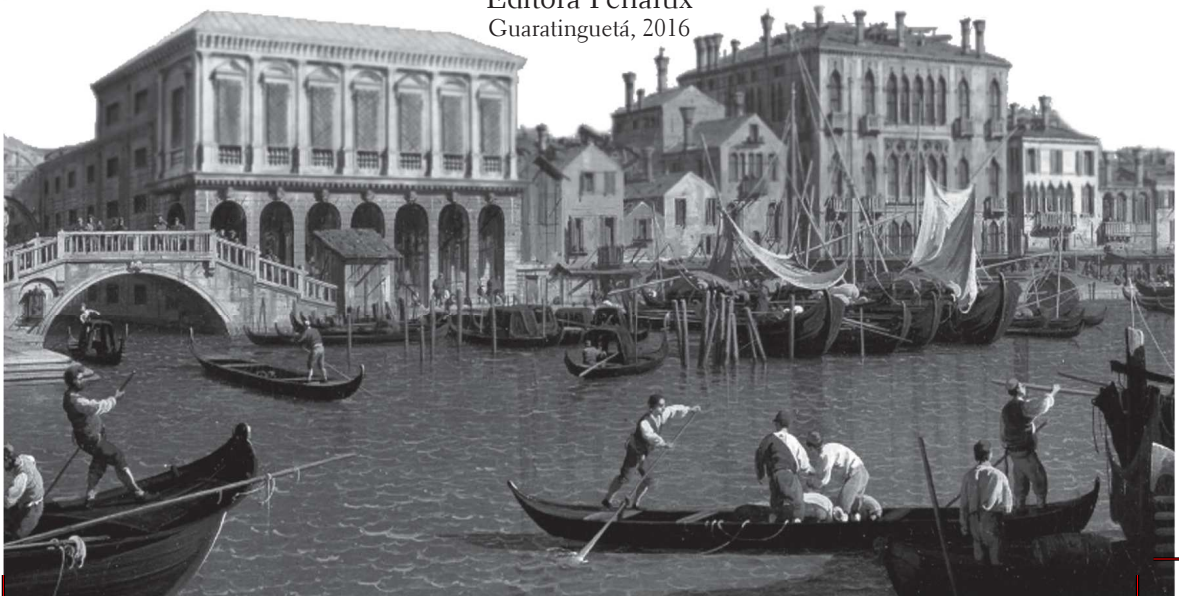


Alberto Lins Caldas  
**VENEZA**

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2016





EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Carlos Moreira & Daniel Zanella

PINTURA DA CAPA  
“Vista do monumento Riva degli Schiavoni”, Veneza, Itália.  
Tela de Giovanni Antonio Canal (Canaletto),  
pintor veneziano (1697-1768).

PROJETO DE CAPA  
Dábio Jotta

DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

c145v LINS CALDAS, ALBERTO. 1957-  
VENEZA / ALBERTO LINS CALDAS. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

184 p. : 20 cm.

ISBN 978-85-5833-135-7

I. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
I. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## VIAGEM

Estava em Veneza e me sentia um pequeno Deus. Mas acordei estranho naquela manhã, sem saber ou intuir os infortúnios e desgraças que me tornariam outro homem, ou melhor, menos que um verme: – e nesses extremos se delineia a ironia da minha vida e a razão da minha morte.

Recordo que as cobertas ainda estavam quentes com o calor dos corpos. Por alguns momentos relutei em fazer cessar a magia daquele equilíbrio, tornando sem importância qualquer infortúnio.

Lá fora o mundo se agitava e gritos agudos me fizeram estremecer. Como se um vendedor de coisas doces aos berros encontrasse outros e cada um urrasse mais que o outro a doçura açucarada das suas massas, bolachas e biscoitos, pães e sonhos arredondados na fritura leve das manteigas, pulverizados pelo mais refinado açúcar, bem próximos do inigualável das marmeladas. Com certeza era isto. Mas à contragosto sentei na cama, tocando o sonolento do chão com a ponta dos pés. Não estava tão

frio assim o velho mármore branco com extensas veias azuis. Levantei ofegante como se não houvesse respirado a noite inteira.

Descerradas as cortinas inventei o canal.

A luz empastelava as mais belas cores e as mais sedutoras formas do mundo, trazendo existência aos descoloridos de sombra; desativando esfumatos, avivando linhas, pontos e planos, criando o irreal e o fugaz das proximidades, a treva mosqueada se consumindo. Era como se partissem da língua e da pele o marfim amarelado, a limpidez das águas novas, a solidez do jaspe, a lucidez das opalas, os amarelos esfuziantes, o ouro esmaecido, os dourados movediços, os roxos pulverulentos, o leitoso vítreo das madreperlas; os prateados limpos, as pratas sujas; o escarlata e o rubro de todos os vermelhos; o róseo em brasa; os azuis asfixiados; as águas-marinhas; as brumas faiscantes; o verde-azul, o verde-encarnado, o verde-amarelo, o verde-escuro, o verde-alga. As cores iam se sobrepondo em transparências, em finas camadas, e se distanciavam numa mistura indefinida, criando sensações de profundidade num misterioso caleidoscópio natural contrastando com a barra escura de limo, obedecendo ao dissimular e revelar das marés e à *acqua alta*, sempre estafantes, coloridos traços em fuga, como folhas secas sobre granito.

Abri as amplas portas do quarto e senti circulando a noite gasta. Num dos cantos dormia a velha criada: era imenso e irônico pássaro velho adormecido sobre a ternura das almofadas. A imagem dessa ave está sempre, e às vezes antes, dentro desse momento da minha vida: empoleirada na memória.

Volto para a cama e fecho os olhos. Por momentos me desfaço no sonho que cessara há pouco. Recordo bem esse instante. Tive a certeza de que o sonho era o mesmo que me acompanhara durante anos e não se concluía ou não queria me lembrar o seu desfecho.

Sinto ao meu lado um corpo que naquele instante deu a impressão de ser feito da mais pura seda, deitado sobre almofadas, travesseiros e lençóis. Deliciei-me com a curvatura nua, ainda desejando beijar aquilo que sempre me seduzira. Mas antes dos meus lábios tocarem a pele dormente, arrombam lá embaixo a porta da casa. Sem uma segunda batida do meu coração, subindo aos pulos a grande escadaria por onde levava os mais gostosos beijos envolvido nos odores da pimenta-negra, do cravo-da-índia, do gengibre, do cominho, do orégano, das resinas aromáticas e dos unguentos misteriosos, vem o grande marido, senhor das maravilhas daquele corpo, certamente com o fogo dos olhos em brasa de erupção, insensível à exaltação dos perfumes, obrigando qualquer demônio a abandonar a perdida via e se aviar pela salvação, fugindo o quanto antes de tão desbragado furor.

Naquele momento e naquela situação pude apenas atinar uma coisa, coisa essa indicada pelos azuis, verdes e amarelos dos olhos da criada que, ao acordar, entendendo a situação, resolveu tudo sem falar, simplesmente me apontando com os olhos a única saída: – pulei pela janela nu e apavorado. Sem nada dizer e nada pensar, largado no mais patético e apalermado papel da minha vida. E a água do canal, feita para os olhos e

não para o mergulho, límpida somente na imaginação dos pintores e dos poetas, meio mar e meio rio, asquerosamente gelada, onde boiavam peixes mortos e pedaços de fezes, me fez pagar a covardia.

Consegui nadar o suficiente para alcançar um barco e explicar ao riso do gondoleiro o acontecido, ouvindo ainda os destemperos cortantes, inúteis, estrídulos e desesperados do marido pondo da janela para fora em puro desequilíbrio o chapéu, a cabeça, o longo pescoço, a roupa de viagem, os finos braços, as mãos delirantes e numa delas a ridícula espada e a solta, imensa e grave língua, dizendo que me mataria da próxima vez que me encontrasse e que me encontraria de qualquer maneira.

Parecia um sapo contando uma fábula.

Enrolado em trapos cheguei em casa gritando ao escravo Mouro, que não era mais escravo há muito tempo, tendo realmente sido comprado numa história bem complicada, mas imediatamente libertado, se tornando meu criado por amorável dileção e, posteriormente, meu único amigo, que escolhesse e separasse roupas, sapatos, livros; do papel as folhas brancas e amarelas; os pequenos objetos da vida; remédios, armas, espelhos, perucas, lençóis; o travesseiro de inestimável algodão soqueado; penas, tintas e tinteiros; o relógio, as velas, os chapéus, as máscaras, os mapas; documentos, contratos, escrituras e todo dinheiro que conseguisse reunir; alguma comida, sombras de vinho e com tudo isso aprontasse as malas, os baús, as caixas,

enquanto me banhava e sacudia sobre mim uma roupa mais decente do que aquele providencial farrapo. Se viesse a morte que me encontrasse vestido e não daquela maneira! Nu e molhado! Molhado e sujo de merda, mijo e peixe podre.

Sáimos dali, eu e o Mouro, correndo para um navio que partiria ao fim daquela manhã, indo encontrar outros navios mar adentro, coisa que chegou ao meu conhecimento na noite anterior, entre riso e gemido. Não que isso fosse importante, mas ali estaria outro amigo da nobre senhora e ela não resistiu em me contar, coisa, aliás, que muito nos estimulou. Sei é que depois das palavras e de um inocente dinheiro rapidamente estávamos a bordo, tendo a grande e amada cidade, bem ali, balançando com o barco, talvez pela última vez dentro dos olhos, dentro do coração. Veneza, sim, era o amor rasgando em falta, causando dor durante os muitos anos de ausência. É bem verdade que o marido, a mulher e as ameaças foram somente desculpa até para mim mesmo. Há tempo planejava mudar a vida e tudo veio a calhar.

Havia em mim fogo devasso e sem destino; água represada precisando se deixar fluir; ventos túrgidos, propícios, enfatuados e jovens; terra devoluta, genésica, sem a letargia das terras devastadas, buscadas sem nosso querer.

“Aproveite a vida” – dizia eu, entre sorrisos, porque ria com a boca, com os olhos, com a testa, com os dedos, com as bochechas, com o sexo, com as pernas, com os braços, com os

sonhos, as palavras, as ideias, com o corpo inteiro – sem haver e por não haver ainda engolido e tragado o liquefeito metal em brasa que a vida nos obriga a sorver, sem nos deixar gritar, ranger ou chorar: – *vanitate mundi et fugâ saeculi*<sup>2</sup>. Não passava eu de um tolo alegre, um simples, muito corado, cabelos negros, a estranha vontade de viver como o peregrino, desconhecendo sua sede, insensível ao desprotegido do caminho, ignorante do inesgotável despojamento.

A paixão é turbulenta e invejosa: deleita-se em desordenar as coisas sem deixar nada em troca.

---

2. N. E.: Vaidade mundana e tempo fugaz.



## AVENTURA E INFORTÚNIO

Longa viagem no perigoso e estranho mundo oceano, onde os ventos se desembestam com furor e as tempestades maltratam com desespero experientes e desacostumados.

Foram três os navios na viagem ao outro mundo. Aquele onde embarquei levava um grande archote à popa, talvez guiando os outros para nenhum deles se perder. Havia um sem-fim de sinais entre eles; logo me aborreceram e desisti de procurar decifrar ou perguntar sobre seu sentido. Meu destino nunca foi ser marinheiro ou capitão de navio, além de ter memória restrita às minhas paixões. Por que? então querer me enfronhar em imprestáveis minúcias, cansando minha cabeça, sem nenhuma utilidade, sequer servindo, como agora, para a revivescência dessa escrita.

Sáímos, se ainda bem recordo, quando as águas estavam intumescidas, levando a bordo o necessário e cerca de duzentos homens. Soltaram a vela do traquete, como dizemos nós, os franceses, e vi minha cidade se distanciar, deslizando por entre



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

 [albertolinscaldas@yahoo.com.br](mailto:albertolinscaldas@yahoo.com.br)

 [/alberto.linscaldas](https://www.facebook.com/alberto.linscaldas)